

FELICIDADE E SENTIDO DE VIDA NA SOCIEDADE DE CONSUMO

HAPPINESS AND MEANING OF LIFE IN CONSUMER SOCIETY

Daniele Cajaseiras Matos

Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial

Resumo. Este artigo discute a busca da felicidade e o sentido de vida na sociedade contemporânea. Procurou-se analisar o conceito de felicidade vigente na sociedade de consumo e o conceito de felicidade da logoterapia de Frankl com o objetivo de discutir a busca pelo sentido de vida na contemporaneidade. O ser humano na contemporaneidade vive na constante busca da felicidade, de um sentido para a sua existência. Dentro dessa perspectiva percebeu-se que ele segue os mais diversos caminhos procurando preencher seu vazio existencial muitas vezes no ato de consumir. Porém para Frankl o que faz feliz um indivíduo é a busca de seus valores que redundam em exigências do dia e em missões pessoais, o que dá ao homem um caráter de algo único e irrepetível.

Palavras chave: Felicidade, Sentido, Sociedade de Consumo.

Abstract. This article discusses the pursuit of happiness and the meaning of life in contemporary society. We seek to analyze the concept of happiness in the current consumer society and the concept of happiness of Frankl's logotherapy in order to discuss the search for meaning in contemporary life. The human in contemporary lives in constant pursuit of happiness, of a sense for its existence. Within this perspective it was perceived that he follows the most various ways seeking to fill its existential emptiness many times in the act of consuming. However for Frankl which makes happy an individual is the search for their values that redounds to demands of the day and in personal missions, that gives the man a character of something unique and unrepeatably.

Keywords: Happiness, Meaning, Consumer Society.

Atualmente percebemos homens e mulheres que buscam a felicidade cada vez mais no ato de consumir. Isso levanta um questionamento para nós, porque percebemos muitas doenças e insatisfações das pessoas na sociedade contemporânea. Será que realmente o homem contemporâneo está encontrando a felicidade tão almejada? Porque os níveis psicopatológicos têm se elevado tanto na atualidade? Porque vivemos na era do vazio existencial? Dessa forma é relevante direcionarmos o nosso olhar para a maneira como a subjetividade dos indivíduos da sociedade contemporânea está sendo construída e como a sociedade de consumo influencia sua saúde emocional.

PSICOPATOLOGIA E CONTEMPORANEIDADE

Toda a atmosfera cambiante da cultura ocidental tem proporcionado questionamentos sobre o impacto dessas mudanças nas mais diversas dimensões. Interessa-nos uma discussão que ocupa teóricos e clínicos das áreas “psi”: os sintomas psíquicos contemporâneos ou pós-modernos. Embora a discussão tenha se tornado recorrente nos meios acadêmicos, ainda está longe de um consenso. Para Sloan (2002), alguns filósofos da modernidade estão dispostos a aceitar, como a condição fundamental do sujeito no mundo, o fato de que nunca houve e nunca haverá um sujeito autônomo, crítico e centrado. É uma concepção que afirma uma visão de personalidade que poderíamos chamar de “pós-moderna”. Sloan (2002) afirma que esta concepção:

atribui essa nova realidade pessoal à “globalização”, um processo de comunicação internacional que nos permite dar-nos conta de que o sujeito da sociedade liberal ocidental não é único no mundo e inclusive que desde a época de Descartes esse sujeito tem representado a si mesmo falsamente. As representações científicas da pessoa sempre têm um caráter ideológico, mas, nesse caso, temo que a nova concepção nos levará a fazer referências à personalidade pós-moderna, ignorando suas dimensões psicopatológicas (p.45).

Acceptar esse caráter como uma visão de normalidade ou como um avanço da civilização seria um equívoco de nossa parte, pois ele representa uma ausência de progresso em aspectos nos quais os

novos membros da sociedade são formados. Pois na sociedade contemporânea a criança tem que integrar uma imensa complexidade de interações e imagens, a partir das quais tem que organizar um sentido estável do seu eu. Além disso: “aspectos parciais do outro estão incorporados no sentido do eu ou em imagens idealizadas, poderosas e destruidoras. Uma verdadeira intersubjetividade se torna impossível.” (Sloan, 2002, p.44). Ora, o fundamento da intersubjetividade é a possibilidade concreta de ser, de se expressar e de se comunicar com o mundo: “por meu corpo me expresse mundanamente e ao mesmo tempo sou consciência da existência do outro” (Rovaletti, 1984, p. 491) Dessa forma podemos dizer que o sujeito contemporâneo está seriamente ameaçado em sua forma de ser-no-mundo.

Estamos presenciando a colonização do *Lebenswelt*, do mundo da vida simbólico, espiritual e cultural. Essa colonização gera: “ausência de subjetividade, alienação, desorientação, perda de sentido, reações automáticas no comportamento, etc.” (Sloan, 2002, p. 46). Ao apontarmos os sintomas contemporâneos que têm tomado as discussões entre os estudiosos, não buscamos enquadrar a expressão do sofrimento, mas trazer à superfície a reflexão em torno da construção representativa do sofrimento diante da relação imbricada com o social: “a realidade psíquica não existe no vazio” (Mezan, 2002, p. 166). É na relação com o mundo, com o outro, que se constrói e reconstrói a vida interna do indivíduo, o que inclui as manifestações do sofrimento psíquico.

Moreira (2002) afirma que,

estudos epidemiológicos sobre saúde mental sugerem que as pessoas que vivem um estilo de vida moderno nas sociedades contemporâneas avançadas pagam um preço psicológico, vivendo sintomas como ansiedade vaga, impulsos para machucar a si mesmo e ao outro, perda de fé, a sensação de que nada vale a pena, o desejo de se drogar, hábitos maníacos de trabalho, aborrecimento com outras pessoas, fantasias com uma mudança radical no estilo de vida, estranhamento, alienação, dependência exagerada da opinião dos outros, solidão e depressão. Muitos destes sintomas, explicados como existenciais, médicos, ou simplesmente psicológicos, podem ter raízes sociais no mundo capitalista contemporâneo, onde impera o nervosismo pela permanente crise de identidade (p.135).

Esse é o preço que os sujeitos pagam por viverem em nossa sociedade, que se perde em um consumismo cego chamando a isso de desenvolvimento. Na grande maioria dos quadros psicopatológicos, a cultura biomédica vigente prescreve a medicação de forma generalizante, desprezando a singularidade do sujeito e o fato do sintoma ter um cunho social (Moreira, 2002). Adoecemos psiquicamente em conformidade com a cultura em que eclode a forma insidiosa da instauração do sofrimento e do adoecimento, que descem garganta abaixo, irreflexo, dotado de total placidez ingênua e anestesiante (Rovaletti, 1998).

O que a modernização conseguiu então, em termos psicológicos, foi a destruição violenta dos mecanismos tradicionais para a construção da identidade. Essa mudança deixa o indivíduo à mercê de seus instintos biológicos, com seu eu frágil aprisionado por imagens tecnológicas alienantes. Esse indivíduo naturalmente concebe a vida como uma série de aquisições, compras e jogos (Sloan, 2002). Corroborando com tal ideia, Kehl (2009) ressalta a velocidade alucinante dos acontecimentos da vida cotidiana e seu contraste com a delicadeza inegociável da vida psíquica. Sobre isso Sloan (2002) afirma:

a modernização não é algo que afeta a cada um da mesma maneira. Para um indivíduo, a modernização é ver que o seu emprego de sempre desaparece devido a uma nova máquina, para outro é não contar com uma grande família que cuide dos seus filhos, para outros é ter que abandonar a sua casa para dar lugar à construção de uma nova estrada (p. 41).

Assim, percebemos uma luta cotidiana travada dentro de todos nós, para tentar conviver com as novas configurações de mundo que a contemporaneidade instaurou em nossas existências. Tal modernização embotou a busca da construção da autonomia, o desenvolvimento da capacidade de ser sujeito *mundano* (Merleau-Ponty, 1945/2006), e a cultura, onde o consumo tornou-se palavra de ordem, vende a cessação do incômodo causado pelo vazio instaurado pela impossibilidade de fazer escolhas legítimas.

Correa e Chacón (2008) afirmam que, na atualidade, o indivíduo vivencia um intento desesperado e forçado por adaptar-se. A neurose é precisamente o método que ele usa a fim de preservar seu próprio centro, sua própria existência. Ela é uma adaptação, e é aí onde reside seu

problema. Esse intento de ajuste forçoso é que o que é considerado doença em si, pois mediante esse proceder o ser humano busca sentir-se alguém ante um grupo determinado, uma vez que, com esta adaptação, pretende encobrir e não enfrentar suas próprias carências, tais como seus sentimentos de vazio ou menos valia, a necessidade de decidir por si mesmo, o assumir a solidão existencial, etc.. É importante também deixar claro que as consequências deste ajuste forçoso também são patológicas, pois a pessoa restringe seu próprio potencial criador, deixando de assumir construtivamente sua experiência. Tudo isto implica na renúncia à sua liberdade e ao seu projeto de vida no mundo, trazendo, como consequência, o aparecimento de vários tipos de sintomas psicopatológicos, objetivamente observáveis, como meio desesperado para encobrir o vazio criado.

Moreira & Sloan (2002) propõem a compreensão da psicopatologia de forma crítica e não-dicotomizada, portanto *mundana* e desideologizadora, culturalmente produzida. A vida humana se encontra envolvida na cultura. O mundo sensível seria a extensão do homem, existindo em mútua constituição com este. “O ser humano-doente ou sadio está implicado no mundo e sua abertura a este mundo histórico não é um a priori ou uma ilusão, mas uma característica inerente ao ser” (Moreira, 2002, p. 127). Torna-se fundamental uma perspectiva crítica para a devida compreensão do fenômeno psicopatológico, de forma a abranger sua complexidade e suas determinações múltiplas. Somente com tal perspectiva é possível compreender o fenômeno psicopatológico em suas nuances culturais e ideológicas. Neste enfoque, o individualismo é analisado como sintoma social que contribui para a compreensão do fenômeno psicopatológico na contemporaneidade. Em nossa sociedade contemporânea, os sujeitos são mais vulneráveis a manifestações psicopatológicas que envolvem sua autoestima e seu sentimento de despotencialização, já que há uma marcante exigência e valorização, pela sociedade, do indivíduo autônomo, bem-sucedido e belo. A psicopatologia fenomenológica, inspirada no contexto sociocultural do sujeito e fomentando uma visão mais ampla, questiona a “compreensão macroscópica da etiologia do fenômeno psicopatológico, seja a partir da cultura, seja a partir da sociedade” (Moreira, 2002, p.122). As condições concretas de vida, prevalentes

na sociedade contemporânea globalizada, desempenham importante papel na geração do sofrimento psíquico emocional. Claro está que não queremos dizer que a vida tem sido fácil no planeta, ao longo da História e que só hoje enfrentamos dificuldades. Porém, que é importante ressaltar que na contemporaneidade, os ideais estão ausentes e parecem substituídos por frenesim fundamentalistas de consumo, trazendo consigo um quadro novo, desconhecido em épocas históricas anteriores. A vida perde sentido e torna-se, deste modo, verdadeiramente absurda, o que gera um sofrimento emocional importante. Dessa forma, como afirma Moreira (2002), o objetivo da psicopatologia crítica também será explicitamente de redirecionar as atenções para o contexto social, sem perder de vista o biológico, considerando particularmente aspectos como a distribuição social de bens e o poder social que contribuem para o sofrimento psíquico.

A psiquiatria tradicional tem buscado modelos classificatórios, cada vez mais precisos, para as doenças mentais. Atualmente, os sistemas classificatórios utilizados são o DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – em sua 4ª edição (APA, 2002) e o CID-10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – em sua 10ª revisão (OMS, 1993). O DSM-IV (APA, 2002) fornece critérios de diagnóstico para as perturbações mentais e inclui componentes descritivos no sentido de conduzir ao diagnóstico de tais perturbações. Podemos afirmar que os distintos aspectos que nos oferece o DSM IV (APA, 2002) sobre a psicopatologia, se referem exclusivamente a dar clareza sobre todos os sintomas da doença, mas não esclarecem a base ou estrutura da existência sobre a qual os sintomas se constituem e, por conseguinte, não nos dá clareza sobre como compreender o significado da doença mental para quem a está vivenciando. Por isso, é necessário enfatizar que o DSM IV por si só, divorciado da experiência concreta e do contexto psicológico no qual os sintomas se apresentam, conduz a um olhar unidirecional, ignorando o significado da experiência do outro e obscurecendo a compreensão de sua psicopatologia. Tudo isto levará a um julgamento teórico da experiência do outro, antes de compreendê-la. Neste caso, as condutas do sujeito serão aceitas ou não de acordo com uma concepção prévia de psicopatologia (Correa & Chacón, 2008).

Ao invés de apenas promover a remissão do sintoma, é importante compreender aquele vivido, pois culturalmente os mesmos sintomas carregam diferentes significados. Desta forma, mais do que uma categoria nosológica, interessa-nos a compreensão fenomenológica da experiência da psicopatologia e o seu significado existencial.

SENTIDO DA VIDA E CONTEMPORANEIDADE

A humanidade em nossa época, imersa em problemas econômicos, de produtividade e consumistas, vem perdendo cada vez mais as tradições como uma referência e ao mesmo tempo vem perdendo o "sentido" da vida; falta uma visão antropológica que permita enfrentar os problemas relativos à existência humana de um ponto de vista mais global, que leve em conta aquilo que o homem é, antes ainda daquilo que o homem deve fazer. Hoje os problemas humanos são enfrentados mais em termos de "fazer" do que em termos de "ser". Em outras palavras, se poderia dizer que hoje o ser humano está esquecendo que ele "é", está perdendo a si próprio. Massificação, despersonalização, conformismo, totalitarismo, corrida ao prazer e ao bem-estar demonstram a trágica experiência da frustração existencial, derivante de uma mentalidade reducionista e nihilista.

Viktor Frankl reconheceu especialmente na psicanálise freudiana e na psicologia individual adleriana, o mesmo problema – a preocupação com um equilíbrio interno, numa perene busca pela cessação de tensão, como objetivo maior da gratificação dos instintos e da satisfação das necessidades, constituindo-se, assim, o fim de toda atividade que envolva a vida. O que de fato impulsiona o homem não é nem a vontade de poder (como aponta Adler), nem a vontade de prazer (como em Freud), mas sim o que Frankl chama de vontade de sentido (Frankl, 2009).

Para Frankl (1989), o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio. O sentido tem um caráter objetivo de exigência e está no mundo, não no sujeito que o experiencia.

A vontade de sentido é orientada para uma realização de sentido, a qual provê uma razão para a felicidade; isto é, com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral. Nesse contexto, as noções de "felicidade", de "prazer" ou de "poder", como objetos da busca última do homem, são negadas. E essa busca patológica de uma felicidade incondicional foi denominada por Frankl como "princípio autoanulativo", segundo o qual quanto mais o homem persegue uma ideia acabada de felicidade, prazer ou sucesso, em detrimento da realização de sentido, mais ele se distanciará desse objetivo. Para Frankl, não se deve buscar a felicidade, pois à medida que houver uma razão para ela, então ela decorrerá espontânea e automaticamente. Assim, a "autorealização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana" (Frankl, 1988, p. 38).

Ao falar de sentido, estamos fazendo referência ao significado, à coerência, à busca de propósito e finalidade. Frankl nos expressa como o homem que perdeu o sentido cai em um vazio existencial e sofre; esta frustração existencial pode desembocar em uma sintomatologia neurótica que ele denomina noogênica. A neurose noogênica surge de problemas existenciais contrasta das neuroses psicogênicas que se originam na dimensão psicológica.

Ao utilizar o termo noodinâmica, Frankl critica as concepções de saúde mental a partir do ideal do equilíbrio homeostático, pois segundo ele, uma determinada tensão é necessária para a existência humana. A noodinâmica é a tensão essencialmente humana, é a própria dinâmica existencial; é a tensão que se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. E nela está presente a liberdade a qual permite escolher uma ou outra possibilidade (Roche, 2005).

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de noodinâmica (Frankl, 1989). A logoterapia objetiva a conscientização do espiritual. Em sua especificação como análise existencial, ela esforça-se especialmente em levar o homem à consciência do seu ser-responsável, enquanto fundamento vital da existência humana (Frankl, 2009). Essa

responsabilidade, todavia, significa sempre responsabilidade perante um sentido.

Padecer de vida sem sentido é um sofrimento, mas não uma doença. Porém, é a vida realmente destituída de sentido? E se o tivesse, seria possível comunicá-lo? A sociedade contemporânea satisfaz praticamente a maioria das necessidades do homem e algumas delas são criadas principalmente pelo consumismo. Todavia, só uma necessidade nada recebe, e ela é a necessidade de sentido do homem, ou seja, sua vontade de sentido. Um exemplo apontado por Frankl: o que deprime as pessoas não é o desemprego em si tão comum na sociedade atual, mas a sensação de falta de sentido decorrente disto. O peso maior não é ônus financeiro, e sim as pressões psíquicas sofridas pelos desempregados (Frankl, 1989). Ademais, em qualquer situação humana o indivíduo pode encontrar o sentido; mesmo no último momento da vida há possibilidades de tê-lo.

O sentido não é moldado pela mente, mas a mente pelo sentido. Em vez de criar um sentido, a mente tem de submeter-se a ele, uma vez encontrado. Segundo Frankl, o sentido da vida é uma realidade ontológica e não uma criação cultural. O sentido da vida simplesmente existe: trata-se apenas de encontrá-lo. Universal no seu valor e individual no seu conteúdo, o sentido da vida é encontrado mediante uma investigação do paciente e do terapeuta em busca de resposta à questão sobre o que somente o paciente, e absolutamente mais ninguém, pode fazer. Para Frankl, nenhum homem inventa o sentido da vida: cada um é cercado e impelido pelo sentido da própria vida. O sentido não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado. E mais, o sentido não só deve ser achado, como ele pode ser achado (Frankl, 1989).

A vida, diz Frankl (1989), permanecerá dotada de sentido, mesmo se todas as tradições desaparecerem e mesmo se nenhum valor de aplicação geral se mantiver. Conclusivamente, o que o homem procura não é a felicidade em si, mas uma razão para ser feliz. É a vontade de sentido na práxis da existência humana. A felicidade não é um fim a ser alcançado, a felicidade é uma constante a ser vivida e para isto basta ter razões. Cada missão realizada, independente de seu resultado, poderá resultar em felicidade, depende de como cada indivíduo encara o fato.

Aquino (2011) afirma que:

O ser humano é um ser aberto ao mundo, e por este motivo deve estar dirigido para um sentido, e este deve ser sempre um fim em si mesmo e nunca um meio para atingir o prazer e a felicidade colocando-os como fins em si mesmos... o ser humano necessita de um fundamento para a felicidade e o prazer, pois estes estados não podem ser intencionados. (p. 58)

Não quero dizer que não podemos ficar tristes, frente a fatos extremos e que nos causam dor, como as perdas. É preciso, sim, vivenciar também a dor, pois mesmo nessas situações é possível aprender, e isso poderá nos trazer uma ponta de felicidade. Essa é uma pergunta que podemos nos fazer sempre: “O que eu aprendi ou estou aprendendo frente a este fato que neste momento me causa dor?”. Assim, nenhum fato passará em branco, todos estarão carregados de sentido, a vida estará carregada de sentido, as missões diárias terão sentido, o indivíduo terá motivos para continuar vivendo e assim aprendendo a viver ainda melhor.

CONCLUSÃO

O ser humano na contemporaneidade vive na constante busca da felicidade, de um sentido, ou significado para a sua existência. Dentro dessa perspectiva segue os mais diversos caminhos imagináveis e trilháveis, caindo muitas vezes em extremos, apegando-se a materialidade, ou alienando-se a sistemas e “coisas”, procurando aí preencher seu vazio existencial muitas vezes no ato de consumir. Apesar de ser uma busca de séculos, percebe-se o homem cada vez mais perdido, desiludido, e tateando as cegas à procura de algo que dê sustentação para o seu existir, e dê significado à sua vida. Assiste-se o apego à materialidade, ao dinheiro, riquezas, honras, poder, prazer etc.

Na visão de Frankl, o ser humano é um ser histórico, que inserido num espaço concreto, deve buscar sua realização. Esta realização, no

entanto, nada tem a ver com o prazer que uma ação específica possa lhe proporcionar, já que o prazer é um estado, uma conseqüência e não uma meta. Reduzir a vida ao prazer é conformar-se ao niilismo, um reducionismo de quem pouco ou nada quer fazer para não se comprometer. Agir assim é atentar contra a razão, pois o princípio do prazer conduz inevitavelmente o homem a um nivelamento de todas as suas finalidades, e isto lhe tira o sentido de existir.

A felicidade, portanto, não pode ser nunca um bem em si, já que não reside nela própria a sua existência. Ela não pode ser adquirida através do ato de comprar ou consumir produtos e serviços como a sociedade capitalista contemporânea acredita. O que faz feliz um indivíduo é o dar-se pelo que deve fazer, de forma histórica e concreta, no aqui e agora. É a busca de seus valores que redundam em exigências do dia e em missões pessoais, o que dá ao homem um caráter de algo único e irrepetível.

Esta visão objetiva do que seja a felicidade exige do homem uma perspectiva interior, um olhar desde dentro de si próprio de uma forma vital e prática. É um conceito mais aristotélico que platônico ao levar o homem a perguntar-se sobre o que deve fazer para alcançar aquilo que lhe é próprio. Esta visão exige a humildade de reconhecer-se no que é e a grandeza do que pode vir a ser, contemplando em movimento o seu existir. Ser pessoa, portanto, na plenitude de sua condição, é não se conformar em sua natureza fazendo-se capaz de mais. Isto todos o sentem, e felizes são os que exercem esta capacidade de forjar projetos, dando-se por eles na prática de cada dia. A infelicidade em contrapartida, não ocorre só quando o homem vê frustrados os seus projetos, mas quando não os busca, ou deles não se dá conta. A inconsciência e a acomodação ao fácil e prazeroso são duas vertentes de um mesmo erro, a renúncia ao bem superior. Da busca pela consciência de si, de suas capacidades, e da luta por realizar seus projetos vitais nasce o sentido da vida do homem em sua razão prática.

Referências

- Aquino, T. A. A. (2011). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB.
- Correa, A.C. & Chacón, G. C. (2008). *Psicología clínica. Fundamentos existenciales*. Barraquilla: Uninorte.
- Frankl, V. E. (2009). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes. (Originalmente publicada em 1985).
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante (Originalmente publicado em 1946).
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945).
- Moreira, V. & Sloan, T. (2002). *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Escuta.
- Mezan, R. (2002). *Subjetividades contemporâneas*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Roche, M. V. (2005) Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *Revista PSICO PUCRS*, Porto Alegre, 36, (3), pp. 311-314.
- Rovaletti, M. L. (1984). El cuerpo como lenguaje, expresión y comunicación. *Revista de Filosofía*, México. XVII (51), p. 491-504.

Recebido em: 23/09/2012

Aceito em: 24/10/2012

Sobre a autora

Daniele Cajaseiras Matos. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza.